

CURSO ONLINE DE TEOLOGIA



TEOLOGIA E METAFÍSICA

A Compreensão da Relação Entre Natural
e Divino Pela Teologia Filosófica Cristã.

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

TEOLOGIA E METAFÍSICA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-073-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON73

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **TEOLOGIA E METAFÍSICA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 121 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - A ATUALIDADE DA METAFÍSICA.....	8
1.1. A FILOSOFIA - DESCOBERTA DO LOGOS.....	9
1.2. LEITURA METAFÍSICA DA CULTURA OCIDENTAL COMO CULTURA DA RAZÃO.....	9
1.3. EXPERIÊNCIA METAFÍSICA (ASPECTO FILOSÓFICO).....	13
1.4. EXPERIÊNCIA METAFÍSICA COMO EXPERIÊNCIA DO “FUNDAMENTO” (ARCHÉ).....	18
2 - O PROBLEMA ONTOLÓGICO.....	21
2.1. A QUESTÃO DA ESSÊNCIA (EIDOS).....	21
2.2. ARISTÓTELES: METAFÍSICA COMO CIÊNCIA DOS PRIMEIROS PRINCÍPIOS OU DAS CAUSAS.....	22
2.3. A QUESTÃO DA PREDICAÇÃO OU CATEGORIAS.....	25
2.4. A QUESTÃO DO FUNDAMENTO (PRINCÍPIO / ARCHÉ).....	30
3 - A FORMAÇÃO DA METAFÍSICA CLÁSSICA COMO CIÊNCIA DO SER.....	33
3.1. FUNDAMENTAÇÃO PLATÔNICA DA ONTOLOGIA.....	33
3.2. ESTRUTURA DO LOGOS VERDADEIRO E DO ERRO.....	37
3.3. FUNDAMENTAÇÃO ARISTOTÉLICA DA ONTOLOGIA.....	39
3.4. A FUNDAMENTAÇÃO TOMISTA DA CIÊNCIA DO SER.....	42
4 - A RETOMADA DA METAFÍSICA NA FILOSOFIA MODERNA.....	45
4.1. COLOCAÇÃO CRÍTICA DO PROBLEMA.....	45
4.2. A TRANSFORMAÇÃO TRANSCENDENTAL DA METAFÍSICA.....	46
4.3. A RAZÃO PURA PRÁTICA.....	47
4.4. HEGEL E A DIALETIZAÇÃO DA METAFÍSICA.....	48
4.5. AS TRÊS PARTES DA LÓGICA.....	52
5 - O PROBLEMA DO CONHECIMENTO DE "DEUS".....	56
5.1. AS DIFERENTES APROXIMAÇÕES COGNOSCITIVAS DE DEUS.....	58
5.2. FILOSOFIA DE DEUS – TEODICEIA.....	59
5.3. O MÉTODO DA TEOLOGIA NATURAL (FILOSOFIA DE DEUS – TEODICEIA).....	60
6 - AS PROVAS "A POSTERIORI" DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	64
6.1. A INVALIDADE DAS PROVAS “A PRIORI” – O ARGUMENTO ONTOLÓGICO.....	64
6.2. A FORMULAÇÃO ANSELMIANA.....	65
6.3. AS PROVAS “A POSTERIORI”. AS CINCO VIAS DE S. TOMÁS.....	66
6.4. A VIA DE ACESSO À DEMONSTRAÇÃO DA EXISTÊNCIA DE DEUS.....	68
6.5. OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DAS VIAS.....	69
6.6. O TERMO DAS VIAS.....	73
6.7. AS 5 VIAS DE S. TOMÁS DE AQUINO – 1ª VIA: MOVIMENTO.....	74
6.8. 2ª VIA: CAUSALIDADE.....	76

6.9.	3ª VIA: CONTINGÊNCIA	77
6.10.	4ª VIA: GRAUS DE PERFEIÇÃO.....	77
6.11.	5ª VIA: ORDEM E FINALIDADE NO UNIVERSO	79
6.12.	OBJEÇÕES À 5ª VIA.....	81
7 -	A ESSÊNCIA DE DEUS	85
7.1.	ATRIBUTOS ENTITATIVOS DE DEUS - A SIMPLICIDADE DE DEUS.....	85
7.2.	DEUS NÃO É CORPÓREO	85
7.3.	DEUS É ESPÍRITO: AUSÊNCIA DA COMPOSIÇÃO DE MATÉRIA E FORMA	86
7.4.	EM DEUS SUJEITO E NATUREZA SE IDENTIFICAM.....	89
7.5.	A ABSOLUTA SIMPLICIDADE DIVINA	90
7.6.	PERFEIÇÃO E BONDADE DE DEUS.....	90
7.7.	DEUS COMO SUMO BEM.....	93
7.8.	INFINITUDE, IMENSIDADE E ONIPRESENÇA DIVINAS	95
7.9.	IMUTABILIDADE E ETERNIDADE DE DEUS	98
7.10.	UNIDADE E UNICIDADE DE DEUS. O SER E A BELEZA.....	100
7.11.	A TRANSCENDÊNCIA DE DEUS	103
7.12.	DEUS SE DISTINGUE DO MUNDO	104
8 -	O AGIR DIVINO.....	108
8.1.	DEUS, INTELIGÊNCIA INFINITA	108
8.2.	A CIÊNCIA DE VISÃO	110
8.3.	CONHECIMENTO HUMANO E CIÊNCIA DIVINA	112
8.4.	O CONHECIMENTO DIVINO DOS FUTUROS CONTINGENTES E LIVRES	113
8.5.	DEUS CONHECE O MAL	114
8.6.	A VONTADE DIVINA.....	114
8.7.	O OBJETO DA VONTADE DIVINA.....	115
8.8.	A VONTADE DE DEUS EM RELAÇÃO ÀS CRIATURAS.....	118
8.9.	A ONIPOTÊNCIA DIVINA.....	119
8.10.	DEUS É ONIPOTENTE.....	120

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



**AULA
01**

1 - A ATUALIDADE DA METAFÍSICA

O termo Metafísica tem origem casual: é atribuído ao lugar que coube aos escritos de Aristóteles na coletânea de Andronico de Rodes, onde ficara “depois da Física.” - Meta (gr) = depois.

A metafísica estuda o SER (Onto). O nome correto então deveria ser ONTOLOGIA (estudo do Ser). Para Aristóteles é a ciência primeira ou ciência dos princípios primeiros.

Apesar de ser rejeitada pela Filosofia Analítica, a Metafísica não deixou de ser comentada e criticada. Isto porque ainda há algo não solucionado, um problema que sempre volta.

A Filosofia sempre teve uma relação com a totalidade, uma dimensão importantíssima sua. Com a modernidade a realidade foi setorizada. A sociedade antiga era holística, onde o todo se relacionava com as partes. Na modernidade este todo se desfacelou. Da religião derivou a Ética, que derivou a Política, e depois a Economia, etc... Cada âmbito cria sua racionalidade específica. Daí a separação Igreja/Estado, por exemplo.

Com a filosofia também ocorreu a separação das áreas, e perdeu-se a relação com o todo. Se a filosofia perder sua relação com a totalidade ocorre uma situação paradoxal na qual perde seu sentido (que é de pensar na totalidade) onde não é ciência nem filosofia. Pensar o Onto, o Ser, o todo é função da Metafísica e criticar a metafísica é deixar de pensar no todo.

Ontologia: “tudo é”, “tudo é ser”.

Se penso, penso sobre uma realidade determinada que “é”, portanto pode ser inteligível. O ser é inteligível: pressuposto metafísico por excelência. A razão é sempre “razão” de alguma realidade, e a realidade “é”. Tudo que é, é ser. Ser racional = ser inteligível por uma racionalidade, uma razão. Nunca posso separar totalmente SER e RAZÃO.

A Filosofia: tem a preocupação de pensar o todo e não pode perder esta dimensão. Não pode se reduzir a pequenas áreas. Assim,

Pensar o todo significa pensar o SER. O SER é o todo.

Criticar a metafísica significa deixar de pensar o todo.

A cultura ocidental é uma cultura metafísica. Pergunta radical da razão: “o que é...?”
A fim de dar razão das coisas, do ser.

O ser é o horizonte de universalidade, pois a busca do fundamento (porquê) das coisas visa buscar o sentido, o fundamento de algo, portanto do próprio ser.

A metafísica é importante porque busca ver as coisas a partir da totalidade. Quando se eleva ao universal, diferenciam-se as partes, está mais perto de perceber o sentido, as limitações, das partes, dos “algos”, já que está em um horizonte maior. Assim, distanciar-se é elevar-se ao horizonte do ser.

1.1. A Filosofia - Descoberta do Logos

O Logocentrismo: o logos é colocado no centro. Avaliasse o sentido e o lugar das coisas em relação ao logos. Não é um racionalismo, ou seja, racionalizar tudo valendo somente o universal;

O logos é intransponível: não se pode sair ou distanciar dele, pois está inserido dentro dele. Pode-se criticar os logos parciais que tentam tomar o lugar do logos universal, mas mesmo criticando, fundamentando, ainda se está dentro do logos.

A metafísica, então, não é um âmbito entre outros à maneira das ciências. Isso porque visa o todo na medida que se pode afirmar que “é”, ou seja, do ponto de vista do “ser enquanto ser”. Nessa perspectiva de poder afirmar que “o ser é”, pode relacionar tudo e por isso o ser é inteligível e pode ser tematizado.

Mesmo diante das dificuldades e das críticas à metafísica, por distanciar-se e elevar-se ao universal, pode avaliar, analisar, os particulares como particulares, algo como algo. Isso só é possível caso se esteja em um âmbito maior, mais universal.

Devido ao distanciamento, o horizonte do universal se amplia. É o que Sócrates diz: “sei que nada sei”, pois à medida que se abre ao universal, esse se amplia imensamente, a ponto da pessoa ter consciência que não sabe: doua ignorância. Assim, o todo não se pode ser esgotado em nenhuma afirmação, ciência... Caso se tematize algo, é porque é um logos parcial. No ato de tematizar se coloca um limite ao tematizado e isso só é possível por se estar em um horizonte maior, em um logos mais universal.

A Metafísica não deve ser vista como um âmbito particular, mas como uma dimensão que está presente na reflexão sobre o homem, sobre a natureza e a história. A reflexão filosófica só alcançará o nível profundo se chegar a metafísica; i.é., a uma reflexão sobre o ser. Estamos de alguma maneira na mesma situação de Platão e Aristóteles, a filosofia ou é metafísica ou não é autenticamente filosofia.

1.2. Leitura Metafísica da Cultura Ocidental como Cultura da Razão

Toda cultura repousa seus pressupostos implícitos que a razão explicita.

A nossa cultura esta baseada num pressuposto básico fundamental: põe tudo (todas as obras culturais) em referência a uma justificação racional. A civilização ocidental é uma civilização da razão, porque se acentuou de modo irreversível a justificação racional da cultura ou das obras culturais. A justificação ou explicação racional é a referência ao logos demonstrativo ou científico. E desse logos ou saber demonstrativo surgiu a filosofia como a sua expressão mais ambiciosa. A partir deste momento em que a cultura descobre a razão e coloca tudo em relação a ela, surge a cultura ocidental. A única, entre todas, que fez da razão o seu emblema, a coloca no centro. A razão também está presente em todas as outras culturas, mas essas não fizeram do logos o seu eixo fundamental.

A descoberta grega do logos demonstrativo e a legitimação social de seu uso foram a causa próxima do aparecimento do saber filosófico e da vida a ele consagrada. Este saber filosófico é um dos elos que nos unem à cultura grega clássica e que assegura a continuidade do que chamamos cultura ocidental. Portanto, é inconcebível pensar a cultura ocidental sem a filosofia. Essa cultura que optou pela referência ao julgamento da razão é uma civilização metafísica.

A cultura ocidental que deu origem à filosofia vê surgir diante de si um paradoxo. A filosofia é, por um lado, uma obra produzida por essa cultura; mas, por outro lado, surge com a intenção de compreender e explicar o todo da realidade e por conseguinte a própria cultura da qual procede. Trata-se, pois, de uma intenção de universalidade. A interrogação que surge com a compreensão, explicação e questionamento do todo dirige-se a essência, ao ser das coisas. Nada escapa a sua interrogação. Essa universalidade determina o caráter paradoxal da relação entre cultura e filosofia. Ora, essa cultura é uma cultura metafísica porque parte de um pressuposto metafísico que só a metafísica explica ou que se situa em nível metafísico.

O pressuposto da metafísica ocidental: foi formulado por Hegel na sua Filosofia do Direito como: “O real é (efetivamente) racional e o racional é (efetivamente) real”. Esta formulação não pode ser aceita no sentido de esgotar esta racionalidade. Uma formulação válida para esse pressuposto é: “O ser é radicalmente inteligível”, ou seja, não podemos separar o ser do logos. A razão é incorporada a realidade, caso contrário a própria natureza não teria leis.

Paradoxo da cultura ocidental: particular X universalidade. A filosofia é produto da cultura. Entretanto, ela se volta para a cultura a fim de refletir sobre ela. Sendo assim, ele acaba sendo mais ampla que a cultura que a criou.

Pressuposto Metafísico: ser é radicalmente inteligível. O ser é tudo, mas ser e tudo não são sinônimos, pois o “tudo” pode ser quantitativo e não é nesse sentido. É importante manter o tudo, porque fora do ser não há nada.

O ser é radicalmente inteligível. Com isso, não posso fazer uma cisão entre o ser e a razão. A razão está presente no ser.

O homem é contingente, mas que se abre ao todo, ao ser, sem deixar de ser contingente.

Quatro elementos teóricos e culturais (dos dois últimos séculos) que mostram a radicalização da ambição da metafísica na cultura ocidental:

O evento Hegeliano do “Saber absoluto” como revelação (desvelar e expor a estrutura dos fatos) da essência metafísica da cultura ocidental (Fenomenologia do Espírito “Ciência da experiência da consciência” (Título original da obra) → elevar a experiência humana da cultura ocidental a nível de ciência).

O conceito Hegeliano de “Saber absoluto” revela (desvela e expõe) a essência metafísica da civilização ocidental. Para Hegel, só na nossa civilização a consciência do homem ocidental podia se transformar em ciência.

O primeiro título da Fenomenologia do Espírito era “Ciência da experiência da consciência”. Ciência não dos fatos da história ocidental (o que seria historiografia), mas da estrutura significativa destes fatos. O homem pode fazer um tipo de experiência da consciência que mostra a história do ocidente como história pensada (é refletir sobre as coisas que permitem que essa história possa ser pensada) ou como história do conceito (descobrir a estrutura racional dos fatos), cujo termo é a certeza que se tornou verdade (o verdadeiro é o todo) de que toda a realidade é assumida no saber (quando isso acontece, temos um saber absoluto). É o “Saber absoluto”. Não o saber infalível e total de um indivíduo, mas consciência da tentativa de compreender ou pensar a história como totalidade das “obras do espírito” que se referem a razão, ou seja, num certo momento o filósofo pode demonstrar a essência da história (i.é, da fenomenologia do espírito). Nada da história escapa da razão. A história comparece diante do tribunal da razão. Hegel com a dialética conseguiu esta demonstração na Fenomenologia do Espírito.

Esse evento hegeliano do “saber absoluto” me mostra que a cultura ocidental é uma cultura da razão.

Esse saber absoluto está relacionado na medida em que os fatos humanos acontecem e suas estruturas racionais, quando pensados, são descobertas.

O objetivo de Hegel ao voltar-se para os fatos humanos da cultura ocidental é perceber o ponto de unidade dos fatos humano, não tanto voltar-se para o fato em si. Não é uma ciência dos fatos empíricos, mas da estrutura significativa dos fatos.

A certeza não é verdade. Ela se torna quando é assumida no saber.

“Conceito” para Hegel: uma parcela da realidade (fatos) que são refletidos e assumidos racionalmente.

O Evento Marxiano do “Fim da Filosofia” como realização efetiva da essência metafísica na cultura ocidental (Manuscrito de 1844-45: crítica da Filosofia do Direito de Hegel).

O evento marxiano significa o “fim da filosofia” como realização efetiva da essência metafísica da cultura ocidental. Trata-se de mundanizar a filosofia, i.é, o torná-la mundo, torná-la realidade e, com isso, chegará o advento do reino da liberdade ou reino da razão (Liberdade = realização da razão).

Antes de Marx, os filósofos apenas pensaram o mundo. Já Marx afirma que tem que transformá-lo. Ao invés da Idéia, Marx coloca a matéria, por isso materialismo.

Realizar a filosofia significa realizar a racionalidade suprimindo o irracional, i.é, a alienação. Quando isso acontecer a filosofia acabará, não porque se tenha tornado inútil, mas porque se tornou realidade. Toda cultura será então racional e teremos o reino da liberdade.

A liberdade consistirá em trabalhar e relacionar-se com os outros seguindo a razão e não em opções irracionais. A filosofia “mundanizar-se-a”, i.é, não será mais uma superestrutura ideológica como no estado atual, que é irracional.

O evento Pós-Hegelianos da “Crítica das Ideologias” (Ideologia no sentido de Marx) como permanência da questão metafísica no centro da consciência teórico-histórica da civilização ocidental.

O evento teórico da “crítica das ideologias” é um evento pós-hegeliano que supõe o saber absoluto. A possibilidade da consciência teórica de uma cultura de criticar e desmascarar a expressão teórica dos interesses particulares que atuam na sociedade só é possível pela razão histórica, ou seja, após Hegel. Esta possibilidade consiste em explicitar o implícito ideológico e seus códigos, i.é., em reconhecer que numa cultura existem interesses discernindo e opondo os interesses que atuam nas ideologias. Isto só é possível depois do “saber absoluto”, i.é, depois de tudo ter sido submetido ao julgamento da razão. Podemos salientar três correntes:

A crítica ideológica dos marxismos: Apesar de ter um conceito de ideologia, Marx foi o primeiro a assumir a perspectiva de uma crítica ideológica após meditar a Fenomenologia do Espírito (no escrito de 1845 “A Ideologia Alemã”). A crítica ideológica marxista continuou mais nos marxismos ocidentais do que no marxismo soviético que era menos crítico e que não existem mais. Temos os marxistas franceses, italianos ... (Korchs, Lúcs, Althusser, Gramsci, Kolakowski...).

“A Teoria Crítica da Sociedade”: de Adorno e Horkheimer. Utilizam para a crítica social, além do marxismo elementos de sociologia do conhecimento e outros.

“O Racionalismo crítico (K. Popper) e o Neopositivismo”: Apesar de se opor ao marxismo e às teorias críticas dele derivadas, o racionalismo crítico é fortemente crítico e radical na análise científica das teorias sociais em nome da razão. Nada é universalmente válido e tudo é submetido a uma crítica. E o mesmo no neopositivismo. De novo as teorias atuais da sociedade só tem sentido a partir do pressuposto metafísico de que “o real é racional”.

Os desafios da Racionalidade Científico-Técnica inscritos no Itinerário Histórico da Metafísica como forma de nossa civilização.

É um fato que a ciência reina soberana atualmente, nesse sentido podemos falar de uma época de cientifização. A racionalidade científica nos legou uma herança, é um produto da cultura ocidental, cultura que produziu a filosofia. Isto significa, a mesma cultura se pergunta pelo significado da ciência atual e percebe que a racionalidade científico-técnica coloca, pela sua própria natureza, desafios, problemas para a nossa cultura. Porque a ciência e a técnica provam efeitos tão fortes na ética, estética?

A cultura ocidental colocou a razão no centro e este fez um questionamento total das coisas. O fundamental é o questionamento. Se a cultura ocidental é uma cultura metafísica, porque ela se tornou metafísica? Porque fez a experiência metafísica.

1.3. Experiência Metafísica (Aspecto Filosófico)

Do ponto de vista teórico, este é o aspecto mais importante. Trata-se de refletir sobre como e porque a nossa cultura se tornou metafísica. Brevemente podemos responder que nossa cultura se tornou metafísica por que fez e refez uma e outra vez a experiência metafísica. Vejamos os aspectos mais globais desta experiência.

O termo experiência não é tomado aqui em sentido individual, psicológico; mas num sentido histórico cultural, i.é, trata-se da experiência que se exprime em obras significativas de reflexão filosófica. Toda cultura faz uma passagem para uma experiência reflexiva de seus valores. Então perguntamos como se deu a experiência metafísica na civilização ocidental?

Experiência Metafísica como experiência do caminho (Não qualquer caminho, mas aquele que nos leva ao fundamento) (“métodos”)

Os sofistas ameaçaram introduzir o ceticismo na cultura grega. Para responder a este risco de ceticismo ou de irracionalismo, começa a experiência metafísica como método, i.é, como busca de um caminho que leve até o fundamento.

A busca de um caminho, antes de ser uma experiência filosófica e receber propriamente uma conceitualização rigorosa foi possibilitada por uma experiência específica e profundamente humana. O que possibilitou a busca de um caminho foi a experiência de transcendência.

Experiência da Transcendência (prepara o caminho para a experiência da metafísica)

O homem é um ser aberto que se transcende, que vai sempre além de seus limites. O significado semântico do termo transcendência aponta na direção de um movimento de subida ou de ascensão. Transcender significa ir além, subir, ascender. É característico do homem ter um horizonte, não ficar preso nas malhas do instinto. Desde que o homem transgrediu os limites impostos pelo instinto a sua característica é sempre ir além, transgredir as fronteiras do mundo entendido como horizonte englobante das experiências imediatas do homem. Nesse sentido o homem é um ser cuja natureza é ultrapassar a natureza.

A experiência da transgressão dos limites surgiu como traço inconfundível de uma civilização que desde 800 a 200 a.C. se estendeu do mediterrâneo até o extremo oriente. As peculiaridades deste tempo, que foi chamado de “tempo-eixo”, estão na origem do problema filosófico em torno da direção axial da história. Esse é o tema de Hegel em “Lições sobre a Filosofia da História” e retomado por K. Jaspers em “Origem e Meta da História”. Mas foi sobretudo Heric Voegelin que reconstruiu em “Order and History” (5 vols.) o alcance desta extraordinária experiência espiritual que operou uma verdadeira revolução no universo simbólico das grandes civilizações.

O problema da transcendência tem sua origem numa experiência histórica que está na base das duas grandes expressões conhecidas: no Deutero-Isaías e em Platão. Ela assumirá a forma de dois paradigmas fundamentais que determinaram o desenvolvimento da idéia de transcendência na civilização ocidental. O paradigma da transcendência como “palavra da revelação” em Israel, e o paradigma como “idéia” na Grécia. A estrutura destas duas formas de experiência se constitui através de uma tensão fundamental entre dois pólos: o Cosmos e o Ser.

Em torno do Cosmos articulou-se a representação da “ordem” nas sociedades tradicionais, e ele desempenhou a função de centro unificador.

O pólo do Ser representou o caminho de um êxodo que se dirigia a romper o simbolismo cósmico. Foi o caminho da transcendência.

E o caminho para a transcendência provocou uma diferenciação que na Grécia assumiu uma feição “noética” (= leis fundamentais do pensamento ou Lógica) e em Israel uma feição “profética”.

Em ambos os casos, se faz uma crítica radical das tradições mitológicas, dos símbolos fundamentais da representação do divino.

Na transcendência da “palavra da revelação” em Israel a relativização e finalmente a rejeição de todo o simbolismo do divino intracósmico se faz sob o signo da história e assume como forma intrínseca “o existir na presença de Deus”.

Na transcendência da “idéia” na Grécia, a crítica se faz sob o signo da verdade (alethéia), da verdade do ser, cujo desvelamento de Parmênides a Platão assinala a outra direção que a experiência da transcendência seguira e que podemos designar como “existir na contemplação do Ser” (theoria).

É nessa forma de experiência da transcendência, caracterizada como teoria do ser, que se faz presente o discurso demonstrativo da razão consagrado com o nome de Filosofia.

A experiência de transcendência prepara o caminho da metafísica na cultura ocidental.

A busca do caminho na Grécia (se deu como experiência histórica e experiência teórica)

Surgiu como uma experiência histórica e como uma experiência teórica.

Histórica. Na sua origem histórica a filosofia foi uma resposta entre outras à crise profunda da sociedade. É importante falar da crise da sociedade grega (do século VI a.C.) porque as criações intelectuais que essa crise provocou tornaram-se paradigmas de uma tradição que se prolonga até nós, entre essas criações estão, por exemplo, a Ética e a Política. Caracterizam-se pelo fato de terem procurado buscar na razão ou num “sistema de razões” a “therapéia” ou cura para as enfermidades sociais. Platão e Aristóteles foram os primeiros grandes artífices destes corpos de razões que receberam na tradição grega a denominação de “Ethike epistheme” e “Politike epistheme”, i.é, “ciência dos costumes” e “ciência da comunidade regida por leis”; que resultaram nas nossas atuais Ética e Política. A estes termos os latinos acrescentaram o Direito, “Corpus iuris” ou “corpo das leis” que obedece ao mesmo critério de um corpo de razões organizado demonstrativamente. Portanto, desde então Ética, Política e Direito são as fontes da auto-legitimação da sociedade, e sobretudo nos momentos em que deve enfrentar a mais profunda das crises, a saber, a crise de suas razões de ser e de agir na qual se joga sua própria sobrevivência.

A busca de um caminho se impõe igualmente como uma necessidade cultural em face da leitura sofística dessa crise e do remédio proposto pelos sofistas, a saber, o de uma nova paidéia (educação) fundada na retórica e na opinião (doxa). A resposta de Sócrates e Platão foi fundada na razão.

Teórica. Porque esta experiência da busca de um caminho que leve ao fundamento foi formulada em forma de teoria. A filosofia surge como uma intenção de conhecimento racional ou demonstrativo – “logos apodeiktikos”- voltada para a totalidade do ser na forma de um saber desinteressado (theoria), mas que declara expressão de um anelo enraizado no âmago da natureza humana e que é uma indagação em torno do ser e em torno da verdade. E como teoria do ser e da verdade, a filosofia se propõe como fonte da mais elevada felicidade – “eudaimonia”. Nesse sentido se parássemos de discutir o problema da verdade voltaríamos ao irracionalismo. Hoje surgem muitas teoria da verdade, mas a filosofia não pode abandonar nem deixar de discutir o problema da verdade. A filosofia surge nos primórdios da cultura ocidental com uma face enigmática que estabelece entre ela e o mundo no qual faz a sua aparição uma relação dialética na medida em que a intenção filosófica se propõe levar a cabo uma crítica e uma negação das pretensas evidências da doxa, da opinião, e a recuperação do sentido da realidade natural e da vida humana a luz da alethéia. Essa estrutura dialética já esta presente na concepção grega de filosofia.

- Retomada da Experiência do Caminho (método que leva ao Ser) na História:

Esta exigência histórica e teórica da civilização grega aparece retomada na história.

A dialética ascendente e a ontologia da idéia em Platão

Os livros VI e VII da “República” e “O Sofista”. A imagem do caminho para o alto ocupa o lugar ilustre desde que Platão a celebrizou no “Banquete” (210a-211c) e na “República” (VII, 514a-517d). A Alegoria da caverna é uma alegoria fundadora da civilização ocidental; como levar os homens da ilusão dos sentidos para a idéia.

Os graus de universalidade em Aristóteles

Trata-se do problema que vem de Platão, mas elaborado logicamente por Aristóteles na classificação das ciências. Trata-se da relação das ciências entre si que culmina na Metafísica como “Filosofia Primeira”. Nesse problema, trata-se das categorias universais e da causa primeira (o motor imóvel). Atualmente, é o problema da interdisciplinaridade das ciências.

O itinerário do “Cogito” em Descartes

Trata-se do “Discurso do Método” como expressão da busca metafísica de Descartes (busca do ser). A finalidade de Descartes é procurar a verdade.

O método como “Crítica” e a Idealização transcendental em Kant

O método como crítica leva ao resultado de que o ser não é mais cognoscível. A metafísica não pode, pois, ser ciência da razão pura (ver as antinomias da razão pura). Mas ela é uma necessidade absoluta que deverá ser respondida pela crítica da razão prática.

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia